

A Existência é um Predicado

João Branquinho, Universidade de Lisboa

Introdução

Queremos reflectir sobre o conceito de existência estudando a forma lógica e a semântica de predicacões de existência e inexistência como as seguintes:

Os mamíferos voadores existem

Os unicórnios não existem

Vénus (o planeta) existe

Vulcão (o planeta) não existe

Interessa-nos a natureza do predicado de existência aqui presente. Queremos determinar que predicado devemos ter, ao nível da forma lógica, que corresponda ao predicado gramatical “existe(m)” da superfície.

Há uma dupla motivação para investigar o tópico. Por um lado, o problema da forma lógica de frases existenciais, em especial existenciais negativas, é um dos problemas da semântica e da metafísica actuais que está longe de ter um tratamento satisfatório. Por outro lado, ter um bom predicado de existência é da máxima importância para a meta-metafísica, pois só através dele é possível descrever as disputas ontológicas como disputas reais, não meramente terminológicas.

Este ensaio consiste em duas teses centrais, uma construtiva e a outra destrutiva.

A tese destrutiva é a de que o ponto de vista de Frege-Russell sobre a existência, mais à frente designado como A Velha Escola, é erróneo. É errónea a ideia de que a existência não é um predicado “real”, no sentido de um predicado como os habituais, aplicável a coisas como mesas e cadeiras, mas antes um predicado “especial”, no sentido de um predicado de predicados.

A tese construtiva é a de que a existência é de facto um predicado “real”, um predicado caracterizado por três traços fundamentais: (a) é um predicado puramente lógico; (b) é um predicado de primeira ordem; (c) é um predicado universal, verdadeiro de tudo.

1. A Tese Destrutiva

Uma questão perene da filosofia é a seguinte:

Pode a existência ser um predicado de coisas como e.g. objectos materiais, um predicado de primeira ordem?

Há duas posições extremas a este respeito: a Velha Escola e a Velhíssima Escola.

A Velha Escola responde negativamente àquela questão com base em duas premissas

Premissa 1: A existência é integralmente representável pelo quantificador existencial \exists

Esta é a ideia típica de Frege, Russell (na fase posterior), Quine, Peter van Inwagen e muitos outros filósofos que têm tratado do tópico da existência. Mas, nas mãos de Frege e Russell, a Premissa 1 está intimamente associada a uma outra ideia sobre a natureza do quantificador existencial, a seguinte:

Premissa 2: \exists é um predicado de ordem superior, um predicado de predicados

Em particular, \exists não é um predicado de indivíduos.

Mas o que são indivíduos? Aproximadamente, e para os nossos fins, indivíduos são objectos que, apesar de poderem pertencer a classes, exemplificar propriedades, ser membros de espécies, ser subsumidos por conceitos Fregeanos, etc., não são eles próprios classes (não têm elementos), ou propriedades (não são predicáveis de nada), ou espécies (não têm membros), ou conceitos Fregeanos (não subsumem nada), etc. São, por conseguinte, objectos de ordem ou nível 0.

A Premissa 1, tomada em conjunção com a Premissa 2, resulta na tese FR em baixo, uma tese distintiva da concepção Frege-Russell e de algum modo atribuível também, na sua formulação negativa, a Kant e a Hume.

Tese FR: A existência é invariavelmente um predicado de ordem superior, nunca um predicado de indivíduos

Mais adiante, argumentamos contra esta tese. Para já, olhemos para a Velhíssima Escola. A negação da Tese FR, a tese VE, define a Velhíssima Escola:

Tese VE: A existência é invariavelmente um predicado de primeira ordem, um predicado de indivíduos, nunca um predicado de ordem superior

VE é subscrita em todas as formas de Meinongianismo, definido em geral como o ponto de vista de que há objectos que não existem. A tese VE é subscrita por Russel em **Principles of Mathematics**, por Terence Parsons em **Non Existent Objects** e ainda no Nadismo de Richard Routley em **Beyond Meinong's Jungle** e Graham Priest em **Towards Non-Being**.

Mas sucede que a tese VE é também subscrita no presente ponto de vista, o qual é anti-Meinongiano. É assim um erro pensar que rejeitar a Tese FR implica abraçar alguma forma de Meinongianismo.

Mas a tese VE tem de ser sujeita a uma qualificação importante, a qual consiste na suposição de que estamos a lidar apenas com um discurso de primeira ordem, ou seja, com afirmações acerca de indivíduos. Assim, as seguintes afirmações seriam presumivelmente excluídas da nossa discussão, por serem aparentemente de ordem superior:

O lobo é cruzável com o cão

Há espécies animais em vias de extinção

A humildade é rara, a cobardia desprezível

E as seguintes afirmações seriam presumivelmente admitidas:

O cão tem sangue quente

Há mamíferos voadores

A humildade é uma virtude

Se a restrição não fosse feita, a Tese VE seria facilmente falsificável na base de afirmações como

Cores primárias existem

O Pássaro Dodo não existe

Note-se agora que, mesmo sob aquela restrição, a concepção de Frege-Russel vê a existência como um predicado de ordem superior (tese FR). Consideremos afirmações de existência e inexistência aparentemente de primeira ordem, como (1 e (2):

(1) Mamíferos voadores existem

(2) Unicórnios não existem

A análise de Frege-Russell procede então em dois estádios.

Primeiro, à luz da Premissa 1, a ideia de que a existência é expressa pelo quantificador existencial, estas afirmações são lidas como:

(1)' Algo é um mamífero voador, $\exists x$ Mamífero voador x

(2)' Nada é um unicórnio, $\neg\exists x$ Unicórnio x

Segundo, estas últimas afirmações são, à luz da Premissa 2, a ideia de que \exists é um predicado de ordem superior, por sua vez parafraseadas em afirmações claramente de segunda ordem como

(1)''A classe dos mamíferos voadores não é vazia

(1)''A propriedade de ser um mamífero voador tem exemplos

(1)''O conceito fregeano Mamífero Voador mapeia pelo menos um indivíduo no Verdadeiro

(2)''A classe dos unicórnios é vazia

(2)''A propriedade de ser um unicórnio não tem exemplos

(2)''O conceito fregeano Unicórnio mapeia nenhum indivíduo no Verdadeiro

Temos razões sólidas para crer que este segundo estágio da análise de Frege-Russell está profundamente errado, que as paráfrases propostas não servem. Eis três objecções.

A. Inflação Ontológica. O tratamento Frege-Russell do quantificador existencial como predicado de ordem superior tem consequências anti-nominalistas imediatas, o que não pode estar certo. Basta reparar que a análise Frege-Russell de uma afirmação verdadeira como “Mamíferos voadores existem”, para além de nos comprometer ontologicamente com mamíferos que voam (indivíduos e concreta), compromete-nos ontologicamente também com algum dos seguintes tipos de objectos abstractos: classes, propriedades, espécies, conceitos Fregeanos, etc. E a análise Frege-Russell de predicacões verdadeiras de inexistência como “Centauros não existem”, embora não nos comprometa ontologicamente com centauros, compromete-nos ontologicamente com o mesmo género de abstracta

É bom salientar que até podemos ter boas razões para querer admitir objectos abstractos na nossa ontologia. Mas essas razões têm de ser de outra natureza. Não pode ser apenas na base de um certo tratamento semântico do predicado de existência que sejamos levados a compromissos ontológicos com abstracta.

B. Bola de Neve. Esta é uma objecção ao estilo de Frank Ramsey (“Universals and Particulars”). Se uma predicacão de existência como “Mamíferos voadores existem” for parafraseável em algo como “O conceito Fregeano Mamífero Voador mapeia pelo menos um indivíduo no Verdadeiro” (para dar apenas um exemplo), então o que é que nos impediria de parafrasear no mesmo estilo predicacões habituais como “Mamíferos têm sangue quente” e “Rover é um cão”? Estas afirmações resultariam em algo como “O conceito Fregeano Ter Sangue Quente mapeia no Verdadeiro qualquer indivíduo mapeado no Verdadeiro pelo conceito Fregeano Mamífero” e “O conceito Fregeano Cão mapeia o indivíduo Rover no Verdadeiro”. Virtualmente toda a predicacão poderia ser submetida a este tipo de análise, o que não parece certo.

C. Critério Intuitivo de Diferença para Pensamentos. Este princípio de Frege estabelece que conteúdos ou pensamentos p e q são distintos se for possível um agente racional tomar atitudes antagónicas em relação a eles: acreditar em p mas não acreditar em q , acreditar em p mas duvidar de q , etc. Ora, parece ser certamente possível um agente racional aceitar “Mamíferos voadores existem” e “Centauros não existem”, mas duvidar ou mesmo rejeitar as suas paráfrases Fregeanas “O conceito Fregeano Mamífero Voador mapeia pelo menos um indivíduo no Verdadeiro” e “O conceito Fregeano Centauro não mapeia qualquer indivíduo no Verdadeiro”. O agente poderia

proceder assim na base de fortes convicções nominalistas, ou simplesmente na base de ser céptico em relação a entidades como conceitos Fregeanos.

2. A Tese Construtiva

A nossa tese construtiva é a de que a existência é um predicado “real”, um predicado de primeira ordem (dado um domínio de indivíduos), vindicando assim a Tese VE.

Todavia, não queremos ser Meinongianos, ou seja, não queremos admitir objectos inexistentes. Pois pensamos que a concepção Meinongiana é, em qualquer das suas variedades, insatisfatória. Queremos adoptar uma posição essencialmente anti-Meinongiana, dada na seguinte tese:

Universalidade da Existência: Tudo existe, Todo o objecto existe, Nenhum objecto é inexistente

O predicado de existência que queremos deve, à luz desta tese, ser um predicado E que satisfaça o seguinte princípio:

(E) $\forall xEx$

Ou seja, queremos ter um predicado de existência que seja verdadeiro de todo o objecto e falso de nenhum objecto. Por outras palavras, um predicado de existência E cuja extensão seja todo o domínio de quantificação.

Temos mais duas exigências centrais que o nosso predicado de existência deve satisfazer:

- (a) E tem de ser um predicado de primeira ordem (VE);
- (b) E tem de ser um predicado lógico.

A estas duas exigências juntamos uma terceira exigência de carácter essencialmente metodológico. O nosso predicado de existência deve ser claro do ponto de vista conceptual e apto para uma formulação adequada da imensa variedade de

posições e disputas ontológicas disponíveis e possíveis, posições e disputas acerca do que existe.

Julgamos que o predicado de existência que procuramos, o predicado que satisfaz o trio de teses referidas e esta última exigência metodológica, é o predicado monádico $_ \text{ é algo, } _ \text{ é idêntico a pelo menos um objecto. Ou seja, o nosso predicado de existência } E \text{ é definível da seguinte maneira:}$

$Ex = (\text{df.}) \exists y x=y$

Se o discurso sob consideração for de primeira ordem e o domínio de quantificação um domínio de indivíduos, então esse predicado de existência será um predicado de primeira ordem, vindicando assim a Tese VE. Tal predicado de existência não é um predicado primitivo, pois é definível em termos de quantificação existencial e identidade (estrita). Trata-se de um predicado lógico, uma vez que é definido apenas à custa de conceitos lógicos (quantificação, identidade). Por último, é um predicado absolutamente em ordem do ponto de vista da clareza conceptual, na medida em que conceitos lógicos são conceitos absolutamente em ordem nesse sentido.

“Tudo existe”, em símbolos $\forall x \exists y x=y$, é uma verdade lógica, e por conseguinte, de alguma maneira, uma verdade trivial. Assim, o nosso predicado de existência é um predicado tautológico e, por conseguinte, de alguma maneira, também um predicado trivial.

No entanto, tal trivialidade pode ser mitigada reparando que as disputas ontológicas não ficam imediatamente resolvidas nessa base (Quine). Existir é pertencer a um domínio de quantificação, e tudo pertence a um domínio de quantificação. Mas isso, por si só, não nos diz o que devemos incluir num domínio de quantificação, não nos indica o que devemos querer ter em tudo. Podemos ainda querer ou não querer incluir meros possibilia, objectos ficcionais, quimeras e outros objectos intencionais, universais, números, objectos materiais, fusões arbitrárias de objectos materiais, partes temporais, etc.

Outra maneira de mitigar a trivialidade envolvida no nosso predicado de existência consiste em distinguir dois géneros de proposições modais no qual ele ocorre:

(5) Necessariamente, tudo existe

(5) $\Box \forall x \exists y x=y$

Esta proposição, de dicto, é verdadeira à luz do nosso ponto de vista.

(6) Tudo necessariamente existe

(6) $\forall x \Box \exists y x=y$

Esta proposição, de re, pode bem ser falsa à luz do nosso ponto de vista.

Que outras escolhas estariam disponíveis para um predicado de existência de primeira ordem E? Eis uma lista das mais habituais dessas escolhas, a grande maioria de inspiração Meinongiana:

(a) Ex se e só se x é causalmente eficaz (Priest)

(b) Ex se e só se x é actual (no sentido modal do termo)

(c) Ex se e só se x é concreto, x está no espaço ou no tempo (Russell)

(d) Ex se e só se x é um objecto não intencional (McGinn)

O problema com estas posições é um problema de inadequação meta-metafísica. As definições em questão do predicado de existência teriam como consequência a rejeição à partida de certas posições ontológicas, as quais seriam conceptualmente falsas, ou seja, falsas apenas à luz do conceito de existência empregue. Exemplos de posições dessas: “Universais existem”, “Meros possibilita existem”, “Classes existem”, “Números existem”. É certo que, nas versões mais comuns de Meinongianismo, poderíamos ainda ter verdades como “Há universais”, “Há meros possibilita”, “Há classes”, “Há números”, etc. Mas o problema com tais versões é a sua dependência de uma distinção entre existir e ser que é difícil de perceber.

O Meinongianismo subjacente àquelas escolhas tem consequências nominalistas automáticas. No outro extremo, a concepção Frege-Russell tem consequências anti-nominalistas automáticas. Ambas são, por essa razão, deficientes. Preferimos, por conseguinte, a Velhíssima Escola.

Referências

- K. Fine, 'The Question of Ontology'. In David J. Chalmers, David Manley and Ryan Wasserman (eds.), *Metametaphysics. New Essays on the Foundations of Ontology*. Oxford, OUP, 2009, 157-77.
- Frege, G. 1950. *The Foundations of Arithmetic. A Logico-Mathematical Inquiry into the Concept of Number*. Translated by J.L. Austin. Oxford, Basil Blackwell.
- Kaplan, D. 1979. 'Transworld heir lines'. In M. Loux, org, *The Possible and the Actual*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Kaplan, D. 1989a. 'Demonstratives'. In J. Almog, J. Perry e H. Wettstein, orgs, *Themes from Kaplan*. Oxford: Oxford University Press.
- Kaplan, D. 1989b. 'Afterthoughts'. In J. Almog, J. Perry e H. Wettstein, orgs, *Themes from Kaplan*. Oxford: Oxford University Press.
- Kripke, S. 1980. *Naming and Necessity*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- D. Lewis 1990. 'Noneism or Allism?', *Mind*, Vol. 99: 23-31
- Mackie, J. L. 1976. 'The Riddle of Existence', *Proceedings of the Aristotelian Society, Supplementary Volume*.
- Meinong, A. 1960. *On the Theory of Objects*. Tradução inglesa de R. Chisholm, I. Levi e D. Terrell, in R. Chisholm, org, *Realism and the Background of Phenomenology*. Glencoe: The Free Press, 76-117.
- Moore, G. E. 1936. 'Is Existence Never a Predicate?' *Proceedings of the Aristotelian Society, Supplementary Volume*.
- Parsons, T. 1980. *Non-existent Objects*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Parsons, T. 1995. 'Non-existent Objects'. In J. Kim e E. Sosa, orgs, *A Companion to Metaphysics*. Oxford: Blackwell.
- Pears, D. 1967. 'Is Existence a Predicate?' In P. F. Strawson, org, *Philosophical Logic*. Oxford: Oxford University Press.

Priest, G. 2005. *Towards Non-Being. The Logic and Metaphysics of Intentionality*. Oxford, OUP.

Quine, W. V. O. 1969. 'Existence and Quantification'. In *Ontological Relativity and Other Essays*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 91-113.

Quine, W. V. O. 1948. 'On What There Is'. In *From a Logical Point of View*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

R. Routley 1980. *Exploring Meinong's Jungle and Beyond: An Investigation of Noneism and the Theory of Items*. Australian National University

Russell, B. 1903. *Principles of Mathematics*. Cambridge, England, Cambridge University Press

Russell, B. 1905. 'On Denoting', *Mind* 14:479-93.

Russell, B. 1956. 'The Philosophy of Logical Atomism'. In R. C. Marsh, org, *Logic and Knowledge*.

Salmon, N. 1998. 'Nonexistence', *Nous* 32/3: 277-319.

Van Inwagen, P. 1977. 'Creatures of Fiction', *American Philosophical Quarterly* 14/4 (1977): 299-308.

Van Inwagen, P. 2009, 'McGinn on Existence', *Philosophical Quarterly*

